

**“PARECENDO QUE SOMOS DOIS MUNDOS, QUANDO AFINAL  
SOMOS UM SÓ”: CONTOS DE ANA DE CASTRO OSÓRIO N’O  
*TICO-TICO***

**“LOOKING THAT WE ARE TWO WORLDS, WHEN WE ARE  
ONLY ONE”: ANA DE CASTRO OSÓRIO’S TALES IN *O TICO-TICO***

*Eduardo da Cruz*<sup>1</sup>

**RESUMO**

A partir da discussão das relações da escritora feminista portuguesa Ana de Castro Osório (1872-1935) com o Brasil para publicação e divulgação de suas produções, apresenta-se sua participação na revista brasileira dedicada ao público infantil *O Tico-Tico* (1905-1961) e seu *Almanaque d’O Tico-Tico*. Relatam-se os problemas relacionados com a autoria de seus textos nessa publicação. Comenta-se sobre a transposição de seus contos dos livros portugueses para o periódico e as ilustrações que os acompanham. A partir da leitura desse conjunto publicado na revista e no almanaque, destaca-se o processo de travestismo adotado por algumas personagens dos contos infantis.

**Palavras-Chave:** Ana de Castro Osório; imprensa periódica; literatura infantil; contos populares; travesti.

---

1 Professor adjunto de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ, atuando na Graduação e na Pós-Graduação. Doutor em Literatura Comparada pela UFF, mestre em Ciência da Literatura pela UFRJ e licenciado em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Dedicou-se à pesquisa de periódicos oitocentistas luso-brasileiros em atividades vinculadas ao Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, junto ao qual participou como pesquisador do projeto "O Real em Revista". Também tem se dedicado a repensar o campo literário luso-brasileiro a partir de investigações sobre a participação de escritoras em periódicos oitocentistas em projetos ligados a centros de investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (2017).



## ABSTRACT

From the discussion of the relations of the Portuguese feminist writer Ana de Castro Osório (1872-1935) with Brazil for the publication and the dissemination of her productions, her participation in the Brazilian magazine dedicated to the children's public *O Tico-Tico* (1905-1961) and its almanac *Almanaque d'O Tico-Tico* is presented. Problems related to the authorship of her texts in this publication are reported. It is said on the transposition of her tales and the illustrations that accompany them from the Portuguese books for the journal. From the reading of this set of children's tales published in the magazine and in the almanac, the process of transvestism adopted by some characters stands out.

**Keywords:** Ana de Castro Osório; periodical press; children's literature; popular tales; transvestite

A sentença destacada no título deste texto foi extraída de uma carta de Ana de Castro Osório para Monteiro Lobato, de 1925. Nessa missiva, a escritora portuguesa propunha uma parceria intelectual e editorial com aquele que, como destaca Lajolo (2000b), não tinha ainda se revelado no ramo da literatura para crianças<sup>2</sup>, mas que possuía uma editora. O futuro criador da boneca Emília não se mostrou animado com a proposta e indicou não ter nenhum interesse em publicar obras portuguesas no Brasil nem em vender seus livros em Portugal. Contudo, essa não foi a única tentativa de aproximação cultural entre os dois países encetada por Ana de Castro Osório, que também já procurara diversas vezes difundir suas publicações em solo brasileiro, sobretudo aquelas para as crianças.

Se a literatura infantil e juvenil brasileira procurou seguir um caminho de amadurecimento independente daquele trilhado pela portuguesa, essa perspectiva ainda não estava muito clara no início do século XX. Pelo menos, é possível descortinar esforços, como os de Ana, para que houvesse uma aliança. Por isso, o que proponho apresentar aqui, apesar de estar muito longe de uma historiografia, deve contribuir para a história da literatura em português para crianças ao apresentar um ponto de contato entre a trajetória desse gênero nos dois lados do Atlântico.

João Esteves, seu biógrafo, defende que, “recorrentemente apontada como a iniciadora da literatura infantil em Portugal e propagandista da emancipação das mulheres, Ana de Castro Osório merece, pelo pioneirismo, diversidade, contradições e opções, novas releituras.” (ESTEVES, 2014, p. 28). Se não é exatamente uma releitura que proponho aqui, é um contributo aos estudos sobre essa autora, por focar sobre um ponto que ainda possui muitas lacunas: suas publicações na imprensa periódica brasileira.

Luci Ruas (2014), em artigo sobre a produção de Aquilino Ribeiro e de Matilde Rosa Araújo para as crianças portuguesas, comenta as primeiras tentativas de alguns autores do século XIX para que Portugal também tivesse textos literários dirigidos especificamente às crianças, sobretudo produções nas quais o ensinamento moral cedesse lugar ao lúdico. Isso implica uma

---

2 A saga do Sítio do Pica-Pau Amarelo seria iniciada em 1931 com *Reinações de Narizinho*.

mudança na noção do que é ser criança, do papel da literatura em sua formação e, inclusive, do desenvolvimento de um sistema literário que incluía os infantes como consumidores. Afinal, como indicou Lajolo em seu discurso por ocasião do prêmio Hans Christian Andersen recebido por Ana Maria Machado, “o ofício de escritor é radicalmente coletivo” (LAJOLO, 2000a, p. 1). E essa me parece ser uma das forças da obra de Ana de Castro Osório, pois, além de recolher contos tradicionais portugueses que considerava próprios para a infância, de traduzir contos estrangeiros e de criar as próprias histórias e personagens, Ana pensava num sistema literário que envolvesse as crianças. Ela cria, portanto, sua própria casa editorial em Setúbal, “Para as crianças”, ainda em 1897, por onde começa a publicar em fascículos seus pequenos livrinhos. Edita, em 1907, o *Jornal dos Pequeninos*<sup>3</sup>, de distribuição gratuita. Imprime papel de carta e bilhetes-postais com propaganda da editora. Submete seus livros a concursos e a conselhos de educação em Portugal e em alguns estados brasileiros para que fossem aprovados para prêmios e usos escolares, o que garantiria tiragens e vendas maiores. Além disso, encaminha seus livros para escritores e periódicos como forma de divulgação de sua obra. São várias ações, portanto, para dar visibilidade e vulgarizar os produtos de sua editora, de cuja qualidade não descuidava, como destaca Natércia Rocha ao fazer uma breve história da literatura infantil em Portugal:

A amplitude do trabalho realizado por Ana de Castro Osório incentivou o desenvolvimento da produção nacional, dando-lhe uma marca de qualidade como garantia para pais e educadores. Impregnada pelos conceitos da época quanto à adequação dos livros aos interesses e necessidades das crianças, Ana de Castro Osório procurou apresentar textos acessíveis, mas sem prescindir de um estilo cuidado. Foi todo esse empenho que permitiu que Portugal acompanhasse, nessa época, as evoluções que estavam a processar-se noutros países (ROCHA, 1992, p. 51).

Esse empenho liga-se estreitamente a uma visão da criança “como consumidor ou promotor insistente de consumo” (ROCHA, 1992, p. 54), levando ao desenvolvimento de jornais específicos para esse público. Não que periódicos destinados aos mais pequenos fossem novidade. Além dos poucos títulos do final do séc. XIX<sup>4</sup>, alguns produtos estrangeiros circulavam em Portugal. Tanto que Maria José da Silva Canuto, poetisa e professora de meninas<sup>5</sup>, já havia publicado no folhetim do *Diário de Notícias*, em 1865, “Cinquenta anos de reinado, quatorze dias felizes”, sua tradução de “Les quatorze jours heureux d’Abdérame le Magnanime”, de Michel Masson (Michel Raymond), pseudónimo de Auguste Michel Benoit Gaudichot (1800-1883), que havia sido publicado no *Journal des Enfants* em 1833.

---

3 Saíram onze números, com cabeçalho de Hebe Gonçalves, reconhecida ilustradora de livros infantis, inclusive alguns de Ana de Castro Osório (ROCHA, 1992, p. 136).

4 Natércia Rocha (1992) destaca *O jornal da infância*, de 1883, além de *A gaivota*, *O jornal das crianças* e um suplemento ocasional *Zumbido*.

5 Para saber mais sobre a obra poética, política e pedagógica de Maria José da Silva Canuto, consultar CRUZ, 2018.

É de imaginar, portanto, que Ana de Castro Osório procurasse desenvolver no Brasil o que já praticava em seu país para ampliar o mercado para seus livros infantis. Ela conseguiu que alguns deles fossem aprovados para uso nas escolas e para prêmios nos estados de Minas Gerais e São Paulo, como *Uma lição de História* (1909), *As boas crianças*, nona série da coleção “Para crianças”, *Os nossos amigos* (1910?) – em co-autoria com o marido –, *Lendo e aprendendo* (1913) – publicados em São Paulo, pela Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira –, e *O livrinho encantador* (1923). Isso demonstra um trabalho árduo de estabelecimento de relações socioculturais e mercadológicas no Brasil, antes, durante e depois o período de residência em São Paulo, onde viveu entre 1911 e 1914 acompanhando o esposo, Paulino de Oliveira, que fora nomeado cônsul de Portugal naquela cidade.

Para as crianças, além da série em vários volumes saídos por sua própria editora e que ela busca comercializar também no Brasil (cf. GOMES, 2016), Ana publica, em 1924, *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, buscando uma aproximação maior com o público e com o mercado brasileiros. No mesmo ano, lança *A grande aliança*, com o subtítulo “a minha propaganda no Brasil”, reunindo as ideias que ela propagara em uma série de conferências realizadas entre 1922 e 1923 no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria. Em 1927, sai o romance *Mundo Novo*, sobre uma escritora feminista que busca nova vida aqui.

Seu objetivo de alcançar o mercado brasileiro era antigo. No espólio de sua família há a correspondência com representantes comerciais e amigos indicados a fazer divulgação das obras de sua editora por aqui. Os resultados nem sempre foram positivos, tal como não foi o contato com Monteiro Lobato, mas ela continuava tentando com outros contatos. Angela Gomes, inclusive, já apontou as ações de Ana para ampliar sua participação como autora e editora de livros infantis por aqui e conclui:

Por conseguinte, quando ela viajou para o Brasil, não era uma desconhecida como autora de livros infantis. Com competência, aprofundou seus vínculos com uma rede de políticos e intelectuais estratégicos, aproveitando os contatos prévios, estabelecidos por Paulino. (GOMES, 2016, p. 102).

Uma das formas que ela buscou para divulgar sua produção foi a colaboração em jornais destinados às crianças. Quando Ana chegou ao Brasil, procurou ampliar suas relações e tratou ela própria de difundir sua obra infantil e literária. Por isso, entrou em contato com Julião Machado, português radicado no Brasil e desenhista do periódico voltado para o público infantil, *O Juquinha*. Todavia, apenas conseguiu que sua coleção fosse indicada como presente de Natal numa edição especial daquele ano, sem que Julião aceitasse publicar nenhum de seus contos no jornalzinho brasileiro<sup>6</sup>.

---

6 Sobre essa tentativa de publicar seus contos n’*O Juquinha*, ver meu artigo publicado na revista *Miscelânea*, da UNESP-Assis, em 2018.

Os periódicos voltados para o público infantil surgem no Brasil a partir das revistas ilustradas que “foram ganhando, ao longo dos anos, lugar de destaque como veículo de ideias e espaço de expressão e imaginação social”, pois “são as revistas ilustradas que evidenciam mais claramente a diversificação temática da produção e o direcionamento para públicos específicos da imprensa periódica” (KNAUSS, 2011, p. 11).

Assim, se a tentativa de divulgação n’*O Juquinha* não logrou êxito, Ana de Castro Osório não desanimaria, pois havia outras revistas destinadas ao mesmo público, como *O Tico-Tico* (1905-1961):

Idealizada por Renato de Castro, juntamente com Cardoso Júnior e Manoel Bonfim, a revista *O Tico-Tico* foi apresentada a Luís Bartolomeu de Souza e Silva, dono da Sociedade Anônima O Malho, que acatou a idéia e ajudou a moldá-la segundo o formato de outras publicações da época, principalmente a revista francesa *La Semaine de Suzette* (1905-1960). O acerto da nova publicação infantil confirmou-se pela recepção do público. (VERGUEIRO e SANTOS, 2008, p. 3).

Uma revista de longa duração como *O Tico-Tico* acabou por publicar textos e ilustradores diversos em sua história, além de variar bastante os gêneros que veiculava. Em suas páginas, encontram-se diversos textos de Ana de Castro Osório. Resolvi por não fazer distinção entre os traduzidos por ela, os de sua autoria e aqueles recolhidos da tradição popular, porque acredito, tal como os editores da recolha de contos de Grimm publicados por ela, que esses contos “podem perfeitamente levar à cabeça o nome de D. Ana de Castro Osório porque, na realidade, a ilustre escritora portuguesa fêz mais do que traduzi-los: deu-lhes a forma que teriam se fôssem contados por uma bôca portuguesa”<sup>7</sup> (1905, p. 10).

A relação de Ana de Castro Osório com a revista *O Tico-Tico* não é muito clara. Não dá para saber se seus contos eram enviados para serem publicados no periódico ou se simplesmente havia a republicação do que saía nos livros da escritora portuguesa como forma de divulgação ou com o pagamento de direitos. Todavia, pelo menos desde 1906 ela encaminhava suas edições para o escritório da empresa, como indicam dois comentários. O primeiro, daquele ano:

De Lisbôa envia-nos a illustre escriptora D. Anna de Castro Osorio um exemplar dos seus *Contos para crianças*, o 1º da 14ª serie da sua bibliotheca de contos tradicionaes portuguezes, que entre os nossos amigos petizes do velho reino tem alcançado o mais justificado successo. Este exemplar traz dous contos magnificos *Onde está a morte e A riqueza e a fortuna*, em que D. Anna de Castro Osorio ainda uma vez mais prova o quanto sabe tambem fazer este genero de litteratura, cuja difficuldade se encontra exactamente na simplicidade que deve ter. (*O Tico-Tico*, n.28, 1906, p.13)

E outro de 1907: “Recebêmos e agradecemos dous exemplares dos interessantes trabalhos

---

7 Trata-se da edição dos *Contos de Grimm e de outros autores traduzidos por Ana de Castro Osório*, da Casa do Livro Editora.

infantis *Instrução e educação e Para as crianças*, ambos da lavra da talentosa escritora Anna de Castro Osório.” (*O Tico-Tico*, n.67, 1907, p.6).

Por isso, aproveitando a ferramenta de busca de expressões do sítio da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, localizei diversos textos assinados por “Anna de Castro Osório”, tanto na revista *O Tico-Tico* quanto no *Almanaque d’O Tico-Tico*<sup>8</sup>. Contudo, como todos os que realizam pesquisa nesse portal sabem, os resultados não são consistentes. Ou seja, pode haver outros contos assinados por ela que não foram localizados dessa forma e nem todos os números do periódico e do almanaque estão disponíveis *online*. Além disso, a revistinha publicou alguns versos de Paulino de Oliveira, marido de Ana, retirados da 16ª série da coleção “Para as Crianças” intitulada *Contos e Fábulas*<sup>9</sup>, com a assinatura dela. Procurei, então, pelos títulos de algumas obras, para tentar localizar aqueles sem indicação de autor ou cuja assinatura, em alguns casos, publicada com caracteres especiais, não fosse localizada pelo sistema. O resultado levantou outros problemas de autoria. O conto “S. Pedro e a ferradura” (*O Tico-Tico* n.1223, 1929) aparece como tendo sido colaboração de uma criança, Francisco de Assis Pena, de 11 anos de idade, quando é a versão exata publicada pela escritora portuguesa. O conto “Mães” (*O Tico-Tico* n.744, 1920) não traz nome do autor. E há, por exemplo, uma outra versão de “A princesa Muda” (*O Tico-Tico* n.1802, 1940), que não é aquela difundida pela criadora de Felício e Felizarda. Em suma, apenas uma busca exaustiva cotejando todas as histórias com as publicações de Ana de Castro Osório poderá revelar todas as obras de sua lavra publicadas na revista e não foi esse meu objetivo<sup>10</sup>.

---

8 “O sucesso de *O Tico-Tico* levou à criação do *Almanaque d’O Tico-Tico*, edição anual de final do ano, com capa dura e o melhor material publicado na revista: histórias em quadrinhos, brinquedos para montar, páginas duplas e quádruplas ilustradas e coladas manualmente, que podiam formar cenários diversos. O primeiro almanaque surgiu em 1906 (o *Almanaque d’O Tico-Tico para 1907*) e o último em 1957 (*Almanaque d’O Tico-Tico para 1958*), tendo, em média, 140 páginas.” (VERGUEIRO e SANTOS, 2008, p.29-30).

9 São eles: “A águia e a coruja” (*O Tico-Tico*, n. 809, 1921); “A raposa e o galo” (*O Tico-Tico*, n.804, 1921); “Aproveitai o tempo” (*O Tico-Tico*, n. 812, 1921); “Os macacos e o tigre” (*O Tico-Tico*, n.802, 1921).

10 Incluo, para facilitar outras pesquisas, todos os textos de Ana de Castro Osório que consegui localizar n’*O Tico-Tico*: “A afilhada de S. Pedro” (n. 758, 1920) e (n. 1190, 1928); “A arvorezinha e o menino” (n. 801, 1921), (n.1161, 1928) e (n.1366, 1931); “A coruja fiadora” (n.857, 1922), “A fé que nos salva” (n.745, 1920), “A pastorinha e a moura” (n.728, 1919) e (n.1033, 1925); “A raposa e o sapo” (n.762, 1920); “A tesoura” (n.797, 1921); “Aliança interesseira” (n.779, 1920); “As estrelas de prata” (n.798, 1921); “Conto popular” (n.1326, 1931); “Jerônimo” (n.823, 1921); “Mães” (n.744, 1920); “O ambicioso” (n.775, 1920); “O bolo refochado” (n.745, 1920); “O cão e o burro” (n.777, 1920); “O carneiro do pobre” (n.721, 1919); “O conto da cabacinha” (n.722, 1919); “O gato e o ratinho” (n.727, 1919); “O jardim de Jorge” (n.827, 1921); “O juramento” (n.1014, 1925); “O raposo e a senhora comadre” (n.1022, 1925); “O real bem ganho” (n.821, 1921); “O rei e o vaqueiro” (n.764, 1920); “O saco milagroso” (n.791, 1920); “O valor do tempo” (n.801, 1921); “Onde está a morte” (n. 759, 1920); “Os companheiros felizes” (n.1013, 1925); “Os companheiros patuscos” (n.798, 1921); “Os dez anõezinhos da Tia Verde-Água” (n.718, 1919); “Os escravos felizes” (n.778, 1920); “Os mentirosos - Leopoldina” (n.796, 1921); “Os três galegos” (n.722, 1919); “Quem tudo quer, tudo perde” (n.1026, 1925); “Rolando, o noivo esquecido” (n.792, 1920); “S. Pedro e a ferradura” (n.1223, 1929); “Semeadores” (n.790, 1920); e “Tristezas de Jorge” (n.830, 1921).

A revista *O Tico-Tico* tem sido apontada como uma das pioneiras nas histórias em quadrinhos no Brasil, primeiro copiando personagens estrangeiras, depois adaptando-as e mesmo criando personagens locais (Cf. MERLO e CAGNIN, 2003). Com isso, vários ilustradores brasileiros se dedicaram a produzir conteúdo visual para suas páginas (VERGUEIRO e SANTOS, 2008). Como os leitores não se confrontam com textos abstratos, mas com objetos cuja organização condicionam sua leitura, apreensão e compreensão do texto lido (CHARTIER, 1991), uma vez que as produções de Ana de Castro Osório, previamente publicados em livros, precisavam passar por nova editoração para se adequarem ao formato da revista, eu imaginava que teriam recebido novas ilustrações feitas por brasileiros. No entanto, não foi isso que ocorreu. Alguns contos foram publicados sem imagem, como o “Mães” publicado no número 744 de 1920, que na edição autônoma de 1907<sup>11</sup> trazia uma ilustração de Raquel Roque Gameiro e mais algumas cuja autoria não consegui identificar. Outros passaram a trazer desenhos sem relação direta com o conteúdo, como o conto “O Raposo e a Senhora Comadre”, publicado no número 1022 em 1925, que saiu na revista com uma série de cigarras negras tocando instrumentos musicais por cima do título, um bebê escritor estilizado ao centro, e uma cena remetendo aos contos de fadas, com crianças, um menino e uma menina, recebendo um baú carregado por fadas (fig. 1), o que demonstra que não foram ilustrações criadas para aquela narrativa. E ainda há o caso de “A guardadora de patos”, tradução do texto de Grimm, publicado no *Almanaque d’O Tico-Tico para 1933* com os desenhos de Henry Justice Ford<sup>12</sup> (Fig. 2) que refletem bem a atmosfera de contos de fadas “que não é isenta de um toque irônico e satânico” (BENJAMIN, 1994, p. 240). Enquanto um ou outro conto (e mesmo poemas de Paulino de Oliveira) foram publicados com a reprodução de alguma ilustração original das edições de Ana de Castro Osório.

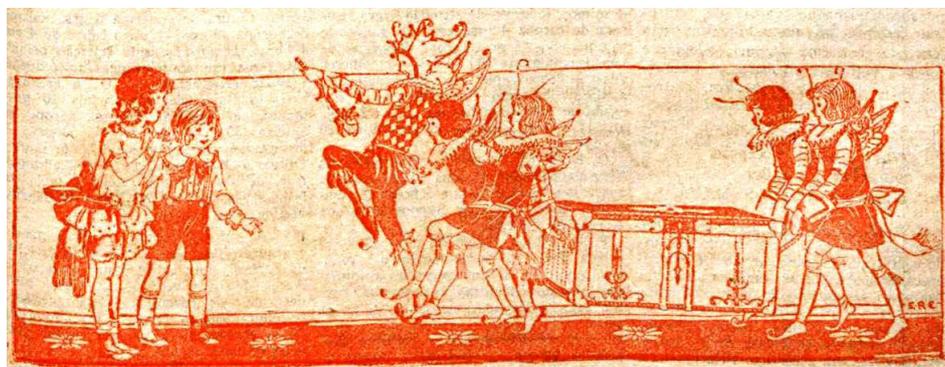


Figura 1 - Uma das ilustrações que acompanha a publicação do conto “O Raposo e a Senhora Comadre” (*O Tico-Tico* n.1022, 1925, p. 9)

---

E no *Almanaque d’O Tico-Tico*: “A boneca” (1921); “A guardadora de patos” (1933); e “O crime de Toneca” (1921).

11 Este conto, originalmente publicado no livro *Alma Infantil*, 5ª Série da coleção Para as Crianças, ganhou publicação autônoma em 1907 cujo produto líquido das vendas seria revertido em favor das escolas maternas.

12 As imagens foram feitas para *O livro da Fada Azul*, com as traduções de Andrew Lang, publicadas em 1889 e reproduzidas em outras edições (Cf. LANG, 1965).



Figura 2 - Uma das ilustrações de Henry Justice Ford que acompanha a publicação do conto “A guardadora de patos”, representando a princesa vestida como guardadora e a cabeça falante de seu cavalo (*Almanaque d’O Tico-Tico*, 1933, p. 53).

Dessa forma, *O Tico-Tico* não foi apenas responsável pela republicação de personagens famosos como o Gato Félix, Mickey Mouse etc., ou pela criação de caracteres brasileiros, como também se tornou veículo de circulação de imagens portuguesas no Brasil. Logo, se Raquel Roque Gameiro não teve seu desenho acompanhando “Mães”, é possível identificar sua assinatura em outros contos (“O valor do tempo”; “A afilhada de S. Pedro”; “A tesoura”). Bem como há reproduções de ilustrações feitas por Hebe Gonçalves (“O saco milagroso”; “Onde está a morte”) e de Alfredo Morais no *Almanaque* (“A boneca”). Contudo, é necessário ainda que se faça um inventário das ilustrações que acompanham os livros de Ana de Castro Osório, uma vez que nem todas traziam assinatura e que era comum que Ana utilizasse mais de um ilustrador ou ilustradora na mesma publicação, para que seja possível identificar todos os desenhistas portugueses que foram reproduzidos n’*O Tico-Tico* juntamente com os textos da escritora.

Por sinal, essa questão da autoria, da mudança dos nomes dos escritores ou da ocultação da fonte é um dos temas que perpassam várias das histórias de Ana de Castro Osório publicadas nessa revista. Com isso, é possível se afastar do tom moralista ou pedagógico dominantes, apesar da preocupação com a formação das crianças para uma vida independente no futuro, como no conto “Ambicioso”:

É que, para ser livre, para se poder trabalhar e viver alegremente do seu trabalho, sem medo e sem dependencia de ninguem, é preciso tambem ter-se educação própria e desde pequenino adquirir o habito possivel de se servir a si mesmo, dispensando os outros quanto possivel e pondo bem deante dos olhos e do espirito a idéa de que chegará um dia em que teremos de nos encontrar sós no mundo, como este misero canarinho. (*O Tico-Tico* n.775, 1920, p.7).

Seja dito de passagem, a formação para uma vida útil, inclusive o do dia a dia doméstico, é um tema importante nessas obras, revelando uma perspectiva burguesa. Tanto que a inutilidade de algumas pessoas é atacada no conto “O cão e o burro” que, apesar de valorizar a atividade como um fim para a vida, aponta para um futuro revolucionário de extermínio daqueles que vivem da exploração: “Ha realmente alguns homens e mulheres completamente inuteis, que vivem do trabalho alheio e nada fazem de bom, existindo só para tornar mais difficil e miseravel a existencia dos outros. Mas esses, amigo, têm o seu tempo contado”(O *Tico-Tico* n.777, 1920, p.7).

Também, o melhor aproveitamento do tempo para o trabalho e para se viver bem está presente desde o poema de Paulino de Oliveira, “Aproveitar o tempo”, até uma série de contos: “O valor do tempo”; “Bolo refochado”; “A tesoura”; e “Os dez anõezinhos da Tia Verde-Água”. Neste último, o tema não parece muito próprio para uma feminista combativa como Ana de Castro Osório. Trata-se da história de uma mulher casada que sofre ameaças do marido porque ela “não tinha verdadeiro cuidado no amanho da casa” (*O Tico-Tico* n.718, 1919, p.20). Triste com sua situação, ela busca auxílio numa vizinha “que passava por saber de feitiçarias”. Imagina-se então que o apoio recebido seria mágico. A Tia Verde-Água mantinha a casa tão bem arrumada que a vizinha acreditava que ela recebia ajuda de fadas, contudo, foi logo desmentida: “Não são as fadas que me ajudam, são dez anõezinhos muito desembaraçados e arranjadores que vou mandar para tua casa” (*O Tico-Tico* n.718, 1919, p.20). E a Tia explica como ela deve trabalhar enquanto os anõezinhos fazem seu serviço. Com isso, de maltratada, a esposa começa a ser elogiada pelo marido, mesmo sem que ela visse os anõezinhos. O que parece ser maravilhoso revela-se, ao final, como estranho<sup>13</sup>, quando a Tia Verde-Água explica que os anõezinhos eram apenas os dedos das mãos e a mulher “compreendeu como o serviço bem feito bom bôa vontade e ordem nada custa, é bem luzido e dá alegria e felicidade” (*O Tico-Tico* n.718, 1919, p.20). Por isso é uma pena que não tenha sido publicado com ilustrações que poderiam ter mantido por mais tempo a ilusão do fantástico.

O conto da Tia Verde-Água tem muitas semelhanças com “O bolo refochado” (*O Tico-Tico* n.745, 1920, p.21), publicado também sem ilustrações. Neste, a mulher é casada com um “homem tão máo, que sem razão nenhuma lhe batia constantemente”. Até que começa a cobrar-lhe que faça um “bolo refochado”. Como ela não sabe o que é, o marido ralha e bate nela. A

---

13 Todorov define como “maravilhoso” como “um fenômeno desconhecido, jamais visto, por vir” (1975, p. 49), enquanto o “estranho” é quando “o inexplicável é reduzido a fatos conhecidos” (1975, p. 49).

esposa busca ajuda também numa vizinha, que lhe ensina várias receitas, menos a desse bolo desconhecido. A amiga tem então uma ideia. As mulheres vestiram-se então com roupas de homem e foram aguardar o marido violento no caminho “munidas de grossos varapáos”. Quando avistaram o homem, “começaram a dar-lhe cacetadas, ora uma ora, outra, e, cantando sempre, foram batendo enquanto se não cançaram”, chamando uma a outra de S. Pedro e S. Paulo, explicando que ele apanhava por ter pedido à mulher o tal bolo. Dessa forma, o marido acaba por pedir perdão à mulher e nunca mais a violentou, acreditando ter sido punido pelos santos. É uma narrativa que mostra a força das mulheres que se unem para resolver seus problemas, mesmo que tenham que se travestir para poderem fazer valer seus direitos e provarem do que são capazes.

Além desse, há outros contos em que as personagens acabam se passando por outros, mudando de gênero, de classe social ou de espécie no decorrer da história, pelo simples fato de parecerem diferentes por se vestirem de modo discordante com o esperado pelos demais personagens. É o caso do conhecido conto de Grimm, “A guardadora de patos”. Neste, uma velha rainha envia sua filha para se casar com um príncipe. Ao longo do caminho, a aia que acompanhava a princesa muda de posição com ela. Para sobreviver, a noiva se torna uma guardadora de patos, que lamenta sua vida à cabeça de seu cavalo falante que a aia mandara matar, enquanto a antiga criada vive como a princesa no palácio. Porém, como o rei acaba por descobrir o engano, veste novamente a princesa com roupas condizentes com sua condição social, a leva para um banquete com a aia, que não reconhece a antiga ama por imaginar que continuava vivendo como guardadora. O monarca pergunta à antiga aia o que merecia uma pessoa que tivesse enganado outra que lhe fosse confiada. A resposta e a solução do conto mantêm a brutalidade de muitos contos de fadas tradicionais:

–Merecia–respondeu ella–que a despissem primeiro e depois a metessem dentro duma pipa cravejada de pregos, e dois cavallos brancos a puxal-a de rua em rua até morrer.

–Pois então–disse o rei–dêste a tua sentença; assim has de morrer já que tanto mal fizeste á tua ama. (*Almanaque d’O Tico-Tico*, 1933, p. 54).

Igualmente, no conto “A coruja fiadora” (*O Tico-Tico* n.857, 1922), um personagem só revela sua verdadeira identidade ao vestir-se como outros. É a história de um pássaro sem penas, muito triste, chamado Pinto-nu. A coruja se condeou dele e pediu a todas as aves que doassem ao pássaro pelado uma pena cada um. Elas só aceitaram ajudar se a coruja fosse a fiadora do Pinto-nu. Após sua concordância, cada uma deu uma pena ao pássaro nu. “Entretanto, mal se apanhou vestido, bateu azas-e por aqui me sirvo... Ninguém mais lhe pôz a vista em cima, nem elle deu mais signal de si!” (*O Tico-Tico* n.857, 1922, p. 16). Dessa forma, apenas ao se vestir com as penas que não eram dele, o Pinto-nu acabou por revelar quem era verdadeiramente e sentiu-se livre para voar, mesmo que desprezasse, no processo de transformação, aquela que confiou nele.

Já no “Conto da Cabacinha” (*O Tico-Tico* n.857, 1922), travestir-se é questão de sobrevivência. A história lembra a da Chapeuzinho Vermelho. A netinha vai ser batizada, mas a avó está com medo dos lobos. No caminho para a casa da filha para acompanhar o batismo, a avó encontra o lobo e a raposa que a querem comer, mas ela pede que aguardem sua volta, pois levaria bolos para eles. Posteriormente, amedrontada com a possibilidade dos encontros no retorno a casa, a velhinha recebe ajuda da filha, que a veste com uma cabaça. Como esperado, lá estavam a raposa e o lobo, mas ela passou correndo e despercebida por parecer ser outra coisa. Para seu azar, na correria, bateu numa pedra e sua verdadeira identidade foi descoberta. Quando o lobo a viu, engoliu inteira a velha. O viúvo foi caçar o lobo, matou-o e retirou a esposa de dentro do animal, que de lá saltou muito contente.

Por ventura, o conto no qual a personagem enfrenta mais desafios por ter sua identidade ocultada por um processo de travestimento é o intitulado “A afilhada de S. Pedro”, que foi publicado duas vezes n’*O Tico-Tico*, em 1920 e 1928. Trata-se de um conto tradicional português, com diferentes versões<sup>14</sup>. Um casal muito pobre, com muitos filhos, não tinha mais a quem pedir para ser padrinho de sua última filha. O pai resolveu correr mundo até encontrar alguém que ainda não fosse seu compadre. Acabou encontrando um velho mendigo, que se ofereceu para ser padrinho, com uma condição: “de que não diriam a ninguém que era uma menina e a vestiriam de rapaz, andando sempre assim e chamando-a Pedro, que era o seu nome” (*O Tico-Tico* n. 758, 1920, p. 7).

Apesar da estranheza do pedido, que obrigava a menina a ser criada como uma criança de outro gênero, os pais aceitaram as condições sem questionamento. E “a menina cresceu em graça e beleza, mas, como andava sempre vestida de rapaz, ninguém tomava por mulher e não reparavam para a sua formosura” (*O Tico-Ticon*. 758, 1920, p. 7). Inclusive, foi educada como menino. O padrinho a mandou ensinar e, aos doze anos, foi encarregada de pastorear ovelhas e tocava guitarra, que acompanhava com seu canto. Até que por ali passou o rei, encantou-se pela música e levou o pastor para seu castelo sem desconfiar do verdadeiro gênero de seu novo preferido.

Os problemas começam quando a rainha, que inicialmente ficava muito contente vendo o rapaz tocar, depois, “notando a predileção que por elle manifestava o rei e toda a côrte [...] resolveu perder a creança” (*O Tico-Ticon*. 758, 1920, p. 7). A partir de então, a senhora arma uma série de intrigas envolvendo o jovem, como dizer ao rei que Pedro afirmara ser capaz de separar um moio de trigo de outro de cevada em uma noite, ou que poderia resgatar um anel que o monarca perdera no mar. Em todas as situações, a moça chamava pelo padrinho e este a ajudava. O último desafio foi a rainha contar que o músico “jurara ser capaz de ir á *Moirama*

---

14 Faria (2009), ao fazer um levantamento das recolhas do conto popular português no final do séc. XIX e início do XX, aponta que esse conto já havia sido identificado e publicado por Teófilo Braga, Francisco Xavier d’Ataíde Oliveira e Adolfo Coelho. Ana de Castro Osório entendeu ser propício à leitura de crianças.

livrar a filha do rei, que estava encantada havia muitos annos” (*O Tico-Ticon*. 758, 1920, p. 7). Todavia, desta vez Pedro negou ser verdade. O rei se recusou a ouvir e disse que o puniria com a morte pela ofensa se não cumprisse com a palavra. Por isso, tal como das vezes anteriores, o jovem pediu o auxílio do padrinho, que explicou como ele deveria proceder para voltar com a princesa, que nada falava além dos três “ais” que proferiu no retorno ao castelo.

Como a rainha não descansava, convenceu o rei de que Pedro seria capaz de fazer a princesa recuperar a fala. No entanto, desta vez o padrinho não o quis ajudar e ele foi enviado para ser executado em frente de toda a corte. Então, quando chegou o momento derradeiro, Pedro pediu para falar, o que foi concedido. Voltando-se para a princesa muda, pergunta-lhe os motivos dos três “ais” e recebe como resposta que a rainha armara a traição, que S. Pedro era o padrinho do músico e que era “femea” e todos criam que ele era “macho” (*O Tico-Tico* n. 758, 1920, p. 8). Ao ouvirem isso, todos apoiaram a afilhada do santo e acusaram a rainha. Em seguida,

[o] rei mandou que a menina fosse logo vestida de senhora pela aias e, como era linda de encantar, mais bella ficou com o trajo proprio. Mostrou-a então ao povo e á corte, declarando que desejava fazel-a sua esposa e expulsar a má e intrigante rainha, que todos odiavam. (*O Tico-Tico* n. 758, 1920, p. 8).

Surpreendentemente, a revelação do verdadeiro gênero de Pedro pela boca da princesa que deixara de ser muda não cria nenhum impacto na narrativa. Na verdade, funciona como uma boa solução para o caso, pois o conto indica a todo o momento a estima do rei pelo jovem músico, a ponto de levar a rainha a criar todas as armadilhas para levar o rapaz à morte. Por isso, quando o sexo biológico de Pedro é revelado, o rei a veste de mulher e resolve se casar com a afilhada do santo. Ainda assim, ao longo da narrativa, os desafios impostos à jovem são típicos de rapaz e cavalheiro. No episódio do resgate do anel no mar, Pedro solicitou, por indicação do padrinho, cavalo e lança para cumprir a promessa. Também foi, assim como os cavalheiros andantes, resgatar a princesa, fazendo ele o papel do “príncipe” salvando a bela moça encantada e presa, como vemos na *Bela Adormecida*, na *Branca de Neve* ou em *Rapunzel*, para indicar exemplos bem conhecidos. Ou seja, o monarca estava interessado num jovem rapaz, que conheceu como pastor e músico e que agora alcançava a posição de cavalheiro. Afinal, mesmo que tivesse nascido mulher, sempre foi vestido, criado e tratado como homem. O próprio narrador trata-o no masculino ao longo de quase todo o texto, só poucas vezes referindo-se à afilhada de S. Pedro no feminino.

Do mesmo modo como indiquei, há outros contos assinados por Ana de Castro Osório nessa revista com personagens que se valem da estratégia do travestismo em algum momento da narrativa. Luísa Antunes (1997) identificou esse fenômeno em uma série de contos tradicionais portugueses e em outros recolhidos de tradições orais:

No decurso de uma investigação que realizámos sobre o “disfarce” - tendo em conta o seu valor estruturante em muitos contos tradicionais portugueses -, deparámos com o motivo do “travesti” (ocultação temporária da identidade sexual sob uso de indumentária, nome e normas de comportamento social próprias do sexo oposto), que nos provocou a estranheza e inquietação de um desafio. (ANTUNES, 1997, p. 1).

Aliás, Antunes identificou 13 variantes de contos populares com “afilhadas”, alterando o santo padrinho. No entanto, Luísa Antunes não consultou a versão publicada por Ana de Castro Osório. Apesar do início parecido em todos os contos, na série semelhante de desafios para a formação do cavaleiro-menina e no desfecho com o casamento com o rei após a revelação da princesa muda, as variantes consultadas por Antunes costumam colocar a rainha, não seu marido, como a interessada no jovem afilhado: “A rapariga parte e entra num palácio como criado onde é assediada pela rainha que, ao ver-se rejeitada, acusa o rapaz (heroína disfarçada) de se ter vangloriado de conseguir cometer façanhas que, de certo, o levariam à morte (e que acabam por constituir as ‘provas iniciáticas’).” (ANTUNES, 1997, p. 3). Isso torna a versão de Osório ainda mais interessante, pois, além da questão do duplo entre a princesa que só tem voz a partir do momento em que revela a verdadeira identidade de Pedro, há o desejo homoerótico do rei pela figura andrógina do pastor-músico-cavaleiro. Com isso, reparo que as “provas iniciáticas” pelas quais ele passou não são as de uma donzela, mas as de um rapaz, o que torna a personagem digna para reinar como igual ao lado do rei: “não houve reis nem povo mais felizes nem que melhor se entendessem, pois a afilhada de S. Pedro estava sempre ao lado dos pobres e dos fracos, para proteger e fazer ouvir a justiça” (*O Tico-Tico* n. 758, 1920, p. 8). O que mostra não serem assim tão diferentes homens e mulheres. Os dois estariam aptos a grandes feitos, inclusive a governar.

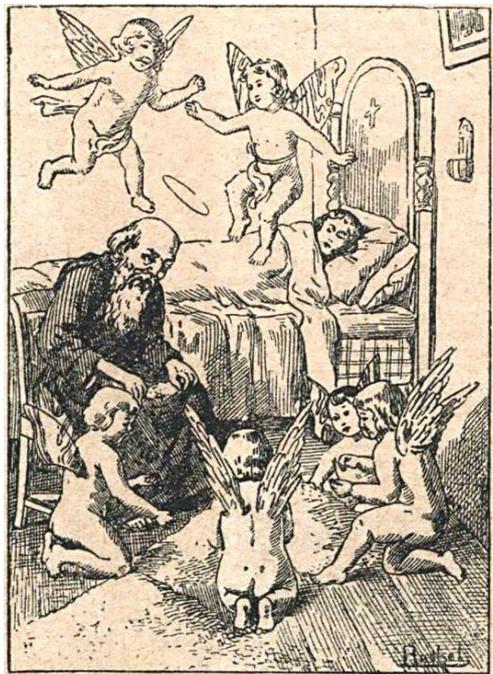


Figura 3 - Ilustração para o conto “A afilhada de S. Pedro” representando a cena em que o santo e os anjos separam o trigo da cevada enquanto Pedro dorme (*O Tico-Tico* n. 758, 1920, p. 8).

É preciso destacar também que a androginia de Pedro foi muito bem captada pelas ilustrações de Raquel Roque Gameiro<sup>1516</sup> reproduzidas na revista. A segunda apenas revela a cabeça de Pedro, que está coberto dormindo em sua cama enquanto S. Pedro e uma série de anjos separam a cevada do trigo (fig. 3). Mas a primeira imagem (fig. 4) traz Pedro tocando guitarra em primeiro plano, enquanto pastoreia as ovelhas, com o castelo ao fundo. O jovem está vestido como menino, com roupas pobres da vida campesina, e traz os pés descalços. O cabelo está escondido pelo barrete. Destaco a guitarra portuguesa a ocultar parte do dorso, impedindo vislumbrar se há ou não seios naquele corpo de menina entrando na adolescência. Essas imagens, em sua tentativa de descrever cenas do conto, estimulam as crianças a criarem também (BENJAMIN, 1994). Cabe, portanto, aos pequenos leitores verem as gravuras em preto e branco de Raquel e pensarem se nelas Pedro é homem ou mulher, ou mesmo a não se importarem com isso.



Figura 7 - Ilustração para o conto “A afilhada de S. Pedro” representando Pedro pastoreando ovelhas enquanto toca sua guitarra (*O Tico-Tico* n. 758, 1920, p. 7).

Há, portanto, em muitos contos tradicionais portugueses e em contos de fadas, uma

---

15 Apesar de apenas uma das duas trazer assinatura, “Rachel”, creio que ambas sejam da ilustradora, justamente por uma não trazer identificação de autoria e também pelas semelhanças no traço.

16 “Pintora portuguesa, dedicou-se especialmente à ilustração. [...] A aprendizagem artística decorreu no *atelier* de Alfredo Roque Gameiro [seu pai] e, na sua esteira, registou com especial interesse os costumes saloios dos arredores de Lisboa. No entanto, cedo afirmou uma específica personalidade artística sendo, mais tarde, bolseira do Instituto de Alta Cultura. Aos 14 anos estreou-se como ilustradora dos *Contos para crianças* de Ana de Castro Osório\*, notando-se nessas composições claras influências da ilustração inglesa. Por este trabalho recebeu prémio internacional do *Petit Journal illustré de la Jeunesse*.” (LEANDRO, 2005, p. 826).

questão relacionada com a aparência exterior a partir da forma como a personagem se veste. Logo, retomando a expressão de Ana de Castro Osório para Monteiro Lobato, uma coisa é o que parece, outra, o que se é. Ou seja, nesse imaginário popular de onde surgiram as narrativas recolhidas por Grimm, Perrault, Ana de Castro Osório e outros, a identidade está diretamente relacionada com a forma de se vestir. Basta lembrar a famosa Cinderela, que só é reconhecida pelo príncipe após calçar o sapatinho de cristal, pois ele não era capaz de a ver com as roupas pobres da Gata Borralheira. A moça pobre que limpava a casa da madrasta e a linda dama do baile eram uma só.

À vista disso, destaquei aqui as histórias nas quais a personagem feminina precisa mudar de gênero para se salvar. A esposa de “O bolo refochado”, que apanhava do marido, vestiu-se de homem juntamente com a amiga vizinha para espancar o esposo com varapau e assim livrar-se dos maus tratos. Foi preciso agir como virago, e santo, diga-se de passagem, para que ela fosse minimamente respeitada. Similarmente, a avó do “Conto da cabacinha” precisou deixar de ser mulher para se livrar de ser comida pelo lobo, o que acabou acontecendo quando seu disfarce se desfez. Também a “Afilhada de S. Pedro” viveu a experiência travesti, e por mais tempo, inclusive tendo que desempenhar tarefas tradicionalmente associadas à formação do rapaz, como armar-se cavalheiro e salvar a princesa, além de ter recebido apenas o nome masculino, Pedro. Nesse caso, a questão de gênero se sobressai, pois o monarca se encanta pelo músico a ponto de deixar a rainha enraivecida e, no desfecho, o cavalheiro que salva a donzela é salvo por ela mesma, que retoma sua voz feminina. Por isso, Pedro também tem seu final feliz pelo matrimônio, mas em vez de receber a mão da princesa, como em inúmeros contos de fadas, casa-se com o rei com quem governará como igual.

Assim, ao localizar algumas narrativas de Ana de Castro Osório publicadas na revista *O Tico-Tico* e no *Almanaque d’O Tico-Tico*, foi possível apresentar mais uma das tentativas de aproximação dessa escritora com o público do Brasil. Essa pesquisa, além disso, revelou a presença de ilustradores portugueses reproduzidos na imprensa brasileira, inclusive nomes femininos nessa arte, como Hebe Gonçalves e Raquel Roque Gameiro. Por fim, destaquei um dos temas que envolvem contos tradicionais recolhidos, adaptados ou traduzidos por Ana de Castro Osório, como a presença de personagens que precisam se travestir para sobreviverem ou para viverem mais felizes. Com isso, pode-se equacionar melhor a obra dessa figura incontornável da literatura infantil portuguesa. Há sim um conteúdo moralizante e pedagógico em muitas de suas histórias, mas também há a abertura para a fantasia e ao lúdico.

## Corpus de pesquisa

**O Tico-Tico:** Jornal das crianças (RJ) - 1905 a 1961. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>>

**Almanaque do Tico-Tico** (RJ) - 1911 a 1958. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/almanaque-tico-tico/059730>>

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Luísa. Em busca da voz do “travesti” feminino no conto tradicional popular. *E.L.O.* n. 3, Lisboa: 1997.

BEJAMIN, Walter. “Livros infantis antigos e esquecidos”. in: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. **Estudos Avançados** 11(5), São Paulo: 1991.

CRUZ, Eduardo da. **Maria José da Silva Canuto: 1812-1890** / estudo, antologia e bibliografia Eduardo da Cruz. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: CLEPUL: CICS.NOVA, 2018.

ESTEVES, João. **Ana de Castro Osório (1872-1935)**. Lisboa: CIG, 2014.

FARIA, Rui Miguel Ventura do Couto Tavares de. **O conto popular português**. Dissertação de doutoramento em Literatura Portuguesa. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

GOMES, Angela Maria de Castro. “Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil”. in: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (org.). **Intelectuais mediadores:** práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

KNAUSS, Paulo. “Introdução” in: KNAUSS, P. et al. (orgs.). **Revistas ilustradas:** modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

LAJOLO, Marisa. O Prêmio *Andersen* e Ana Maria Machado. **Matraga: estudos linguísticos e literários**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro, n. 13, 1.º sem., 2000a.

\_\_\_\_\_. Correspondência de Anna de Castro Osório e Monteiro Lobato. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 305-311, 2000b.

LANG, Andrew. **The Blue Fairy Book**. New York: Dover, 1965.

LEANDRO, Sandra. “Raquel Roque Gameiro Ottolini” [verbete]. in: CASTRO, Zília Osório e ESTEVES, João (Dir.). **Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)**. Lisboa; Livros Horizonte, 2005.

MERLO, Maria Cristina; CAGNIN, Antônio Luiz. **O Tico-Tico (HQ): um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)**. 2003. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Paulino de. **Contos e fábulas em verso**. 16ª série da publicação Para as Crianças. Setúbal: Livraria editora “Para as crianças”, 1908.

OSÓRIO, Ana de Castro. **A princesa muda**. Il. de Leal da Câmara. Lisboa: Casa Editora “Para as crianças”, 1921.

\_\_\_\_\_. **Contos de Grimm e de outros autores traduzidos por Ana de Castro Osório**. Lisboa: Casa do livro editora, 1941.

\_\_\_\_\_. **Contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição popular portuguesa**. Recolhidos e narrados por Ana de Castro Osório. Edição de Ana Silva, Mafalda Soares, Sara Figueira. Coordenação de Ângela Correia. Lisboa: Bibliotônica portuguesa, 2008. Disponível em: <[https://bibliotronicaportuguesa.pt/wp-content/uploads/2015/03/Ana\\_Castro\\_Osorio\\_Contos\\_Fabulas\\_Facecias\\_Exemplos\\_da\\_Tradicao\\_Popular\\_Portuguesa\\_VVEE.pdf](https://bibliotronicaportuguesa.pt/wp-content/uploads/2015/03/Ana_Castro_Osorio_Contos_Fabulas_Facecias_Exemplos_da_Tradicao_Popular_Portuguesa_VVEE.pdf)>

\_\_\_\_\_. **Contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição portuguesa**. Lisboa: Soc. de Expansão Cultural, 1963.

\_\_\_\_\_. **Histórias maravilhosas da tradição popular portuguesa recolhidas e contadas por Ana de Castro Osório**. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 195-.

\_\_\_\_\_. **Mães**. Setúbal: Livraria editora “Para as crianças”, 1907.

ROCHA, Natércia. **Breve história da literatura para crianças em Portugal**. 2ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Ministério da Educação, 1992.

RUAS, Luci. Por uma literatura infantil portuguesa - Aquilino Ribeiro e Matilde Rosa Araújo. **Abril**: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF. Niterói, v. 6, n. 13, 2º sem., pp. 13-30, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VERGUEIRO, Waldomiro e SANTOS, Roberto Elísio dos. A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias e quadrinhos. **Comunicação & Educação**: Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. São Paulo, v. XIII, n. 2, maio/ago, pp. 23-34, 2008.